

## **CURRÍCULO E ENSINO DE HISTÓRIA:** interação entre as dimensões curriculares na EJA de uma escola municipal em Mesquita/RJ

Eliziane Barbosa de Andrade/UFRRJ<sup>1</sup>

Essa pesquisa centra-se em conhecer como são percebidas as interações das dimensões curriculares (pré-ativo e ativo) no ensino de História da EJA e como essa interação ocorre no espaço da sala de aula, sem esquecer o contexto político mais amplo envolvido nesse processo.

Para responder essas questões trabalha-se com a concepção de currículo ativo e pré-ativo de Ivor Goodson (2008) e com a perspectiva de Elizabeth Macedo (2006). Dialogando também com outros teóricos como Ana Maria Monteiro e sua perspectiva sobre a História escolar e com a análise de Priscila Weitzel Novaes (2007) sobre práticas curriculares para o ensino de História na EJA, busca-se perceber a interação entre as dimensões curriculares no ensino de História (currículo ativo e pré-ativo) na EJA de uma escola municipal em Mesquita.

Quanto à metodologia para a realização da pesquisa, recorre-se ao Estudo de Caso, visto que, possibilita ao pesquisador estudar um fato específico. Através da perspectiva teórica de Fonseca (1999), sobre essa metodologia, entende-se que para realizar um Estudo de Caso com uma abordagem qualitativa é necessário considerar que os sujeitos pesquisados são seres sociais, estão inseridos em um contexto social, cultural e político. São representantes de uma realidade, possibilitando compreender que um dado particular pode contribuir para interpretações mais gerais.

Sendo assim, buscando atender para esse e outros cuidados ao se trabalhar como Estudo de Caso, procura-se construir um trabalho analítico com uma abordagem qualitativa, que contribua para se pensar na questão do currículo, teoria e prática, para o ensino de História na EJA do município de Mesquita.

Torna-se importante informar que a EJA correspondente ao segundo segmento do ensino fundamental no turno da noite é formada por

---

<sup>1</sup> Graduada em História/UFRJ, Especialista em Educação de Jovens e Adultos/UFRRJ, Professora de História da Rede Estadual de Educação/RJ e Rede Municipal de Mesquita/RJ.

quatro fases, a saber, V, VI, VII e VIII. Na escola escolhida para a realização da pesquisa, verificou-se que a EJA funcionava no segundo andar e possuía 354 matriculados, porém somente 259 alunos eram frequentes. Após obter essas informações, a próxima etapa era buscar os sujeitos da pesquisa (alunos e professor).

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário deixado com os alunos da VIII fase para que fossem entregues ao professor de História. Neste dia, com autorização dos alunos, foram fotografados os cadernos que servem como documento de análise da prática em sala de aula. Duas mulheres e um homem responderam as questões. Esses alunos foram identificados por nome fictício e idade, a saber, Lúcio, 31 anos, Paula, 28 anos e Mônica, 19 anos. O outro sujeito da pesquisa é o professor de História da EJA, chamado pelo nome fictício de Cláudio. O entrevistado tem 32 anos de idade e aproximadamente 11 anos de experiência no Magistério.

Assim, a primeira informação obtida através da entrevista com o professor Cláudio está relacionada à sua escolha pelo curso de História e pelo magistério. Em sua fala, o professor demonstra que a opção pela Faculdade de História tem origem em seus estudos ainda no segundo grau e em sua militância no grêmio estudantil.

*Na verdade, agente não pensa em ser professor de História agente pensa em fazer História, mas sabia conseqüentemente que eu iria dar aula né. Então é assim, ser professor foi uma conseqüência de querer fazer História e por que escolhi fazer História? É... sempre fui envolvido com movimentos políticos, é... grêmio estudantil, me interessava muito né me filiei ao partido dos trabalhadores ainda no segundo grau. E achava que História estava muito próximo a uma idéia de formação política, agente entra pra fazer história geralmente por causa disso, né, dessa formação política, de te dá um suporte, de te dá uma ajuda né e lê alguns teóricos que agente escuta falar quando você ainda ta lá, secundarista .*

Nota-se que a disciplina de História foi instrumento para a formação sociopolítica e cultural desse professor. E que a vivência escolar

contribuiu para sua opção pelo curso de História. Dialogando com Macedo (2006) percebe-se que Cláudio é marcado por seu espaço-tempo híbrido de fronteira. Ao se interessar pela faculdade de História e em consequência disso se tornar professor, demonstra o todo social em que é formado como indivíduo, subjetividade, marcado por sua identificação política e partidária, que contribui para seu atual lugar no mundo.

A relação do professor Cláudio com a EJA no Município de Mesquita começa em 2006, quando prestou concurso para o Magistério e, desde então, trabalha na EJA. O professor esclarece que não optou em trabalhar com essa modalidade de ensino e nem sabia exatamente o que era EJA. Foi para essa modalidade de ensino porque queria trabalhar à noite. Percebe-se novamente, nesse estado de incertezas, a questão do espaço-tempo híbrido de fronteira onde se misturam necessidades, desejos e oportunidades. O magistério e seu encaminhamento incluídos estão no mundo da vida que o forma e é formada por ele.

*escolhi na verdade à noite por causa de horário, não sabia o que era EJA, que ia cair na EJA, não sabia nada disso, por uma questão de horário, acabei caindo no final da tarde e da noite, por uma questão de horário, aí eu conheci a EJA.*

Da falta de conhecimento a uma preferência pela EJA, Cláudio relata sua satisfação em trabalhar nessa modalidade de ensino, afirmando que é onde há uma possibilidade maior de diálogo, de troca de conhecimento e experiência entre professor e aluno. O professor deixa claro que é na EJA que se sente realizado profissionalmente.

*Olha é... sem hipocrisia eu falo sempre que é onde eu me realizo enquanto professor é na EJA (...).Então hoje que eu falo onde me realizo é na EJA, apesar de nós estarmos passando por um problema de juvenização né, essas questões todas da EJA, mas ainda é um local que você consegue ter uma troca legal .*

Na construção de sua prática, especificamente na elaboração do currículo para EJA, o professor afirma não se prender às orientações dos PCNs, apesar de considerar interessante o trabalho com eixos temáticos. Seu planejamento é pensado de acordo com as necessidades de seus alunos.

*Olha, vou falar assim, eu não fico preso assim, se o que eu to selecionado é o que tá de acordo com o PCN. Eu não tenho essa preocupação, não faço essa patrulha. Na verdade assim, quando eu monto o meu programa, eu penso no grupo que estou dando aula, o que derrepente pode dentro da História, dentro do conteúdo de cada fase possa interessar mais aquele grupo daquela região. E eu procuro trabalhar muitos conceitos e usar também a História como também um auxílio a interpretação e à escrita.*

Nota-se que o currículo pré-ativo é pensado a fim de se trabalhar conceitos importantes para a compreensão histórica, e que existe a preocupação de que os conteúdos selecionados sejam trabalhados de forma a fazer sentido para o aluno. Sendo assim, “o professor reformula questões e conceitos voltados para a realidade escolar” (NOVAES, 2007.p.51).

E qual seria a realidade escolar na EJA? O professor destaca a questão da disciplina de História como ferramenta para o desenvolvimento de conhecimentos básicos como leitura interpretativa e escrita. Conhecendo essa realidade, o conhecimento escolar é organizado com uma racionalidade própria, pois atende “a interesses e objetivos da sociedade onde essa atividade de ensino se realiza”. (MONTEIRO, 2007.p.95).

Monteiro (2007) destaca a importância de se considerar o contexto social, político e cultural na construção e seleção dos saberes pensados para o ensino e aqueles que são ensinados, pois esse contexto constitui a “dimensão educativa” que, em sua “perspectiva, é um elemento epistemológico estruturante, fundamental para que se possa compreender o processo de constituição do saber escolar.”(p.87 )

Considerando essa “dimensão educativa”, o conhecimento escolar é construído a partir de um processo de reformulação do saber

acadêmico, que adaptado, moldado por professores, alunos e demais sujeitos da escola passam a fazer sentido para a comunidade escolar. É a chamada “transposição didática” termo designado para relatar e explicar o processo de transformação do saber erudito, acadêmico em um saber pedagógico acessível aos alunos”( NOVAES, 2007.p.55).

Essa relação saber acadêmico/saber ensinado se realiza no contexto escolar e através do processo de didatização procura produzir um saber que seja compreensível para os alunos. Entretanto, esse processo de transformação da História, conhecimento acadêmico, em objeto de ensino na EJA não se realiza com facilidade. Muitas vezes os conteúdos pensados para o ensino são mistérios para os alunos e o próprio professor admite que, na prática, há um distanciamento entre o saber acadêmico e o saber escolar.

*Então essa é eterna discussão né, tem um abismo entre a produção acadêmica e a escola. Eu procuro através de atualizações acompanhar as transformações que estão acontecendo em termos epistemológicos e tento transformar isso numa linguagem pedagógica, mas confesso que eu não consigo acompanhar todas essas mudanças, porque agente acaba envolvido também, trabalhando muito em sala de aula.*

Além da dificuldade em articular os saberes epistemológicos e didáticos, o professor aponta outra dificuldade, a de acompanhar as mudanças que ocorrem na Academia. A atualização do docente fica prejudicada por sua falta de tempo e até mesmo por seu afastamento do lugar de construção e de discussões epistemológicas, a Universidade.

Dialogando com Macedo (2006) e com a fala de Cláudio percebe-se o processo de hierarquização que o conhecimento acadêmico gera sobre o conhecimento e saber ensinado. Entende-se que os dois conhecimentos são diferentes, têm sua especificidade, todavia são complementares, mas tradicionalmente o que prevalece é a desqualificação e desvalorização do conhecimento que vem da prática escolar.

Outra questão percebida é que esse abismo existente entre o saber acadêmico e o saber escolar e a dificuldade de realizar a chamada transposição didática torna-se também resultado da própria formação

acadêmica, visto que, não há um espaço maior dentro da Universidade para se pensar na formação do professor de História.

*Impacto, a academia não te prepara e ainda mais a UFF que tem esse perfil de pesquisador, de historiador, bacharel mesmo, a licenciatura você acaba fazendo, não é nem separado, você acaba fazendo tudo junto, mas é um impacto. Eu acho assim, que não senti tanto isso, por já participar de pré-comunitário a muito tempo, então isso foi gradativo, não foi uma coisa muito complicada pra mim, mas é .. é uma distância, é uma distância.*

A ênfase da formação acadêmica está na atividade da pesquisa, ou seja, formar historiadores e não professores de História. Esse despreparo vem ressaltar o distanciamento entre a academia e a escola. Nessa perspectiva a formação do professor se faz sob a imposição do pesquisador. Desvalorizando o magistério e estimulando práticas discriminatórias relativas. Contudo, ao desqualificar o magistério, a formação deste professor apresenta muitos significados de prestígio, pois o ato de ensinar, o seu saber e conhecimento estão inseridos em um espaço-tempo diferente do conhecimento acadêmico.

Partindo desses apontamentos sobre a visão do professor sobre sua formação, sua experiência com a EJA e os desafios inerentes a sua prática, passa-se a análise das respostas dos alunos sobre o ensino de História para em seguida verificar a interação entre os currículos.

Sendo assim, Lúcio e Paula destacam a importância de se conhecer o passado. Mônica lembra dos “*grandes heróis do passado*”. Enquanto Paulo cita um assunto de História do Brasil, a questão do pau-brasil. Ambos destacam conteúdos de História do Brasil como o período do descobrimento e escravidão.

No caso de Mônica, em sua resposta há uma identificação com esse passado afirmando que “*faz parte da nossa história*”, justifica escrevendo que todos os conteúdos são interessantes e que fica conhecendo sobre os fatos que “*nem faz idéia de que aconteceu e como aconteceu*”.

Nota-se que os alunos relacionam o ensino de História ao estudo do passado, do que realmente aconteceu. Mostrando a influência da visão positivista da História no processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina. Nota-se também que os alunos têm mais facilidade em lembrar-se de conteúdos referentes à História do Brasil, apontando uma aproximação, até mesmo uma identificação dos alunos com esses conteúdos.

É nas dificuldades apresentadas pelo professor de História em sua prática na EJA que se verifica a interação entre o saber que se deseja ensinar e o que é ensinado. Assim, sobre as dificuldades encontradas para o ensino de História na EJA o professor ressalta que:

*Acho que a grande dificuldade mesmo, assim, é a questão da leitura mesmo, assim, de libertar o aluno de só o que tá ali no texto, de buscar o que tá além do texto. Assim, acho que essa é a dificuldade, às vezes ele fica muito restrito ao parágrafo, a resposta dele é o parágrafo, a resposta dele é a linha, né (...) mas eu acho que esse é o grande obstáculo é essa questão da leitura mesmo, é a leitura é...*

Essa relação entre o ensino de História e as dificuldades de leitura e escrita é também percebida no discurso dos alunos, pois sobre as dificuldades encontradas para o aprendizado, Lúcio e Mônica afirmam que não encontram dificuldades, pois gostam da matéria, Mônica justifica sua resposta afirmando que: *“sempre gostei da matéria de história e história é leitura e eu amo ler”*. Enquanto Paula reconhece que não compreende muito bem por ter dificuldade em interpretar textos.

A julgar pela resposta dos alunos, percebe-se que a compreensão da matéria de História está diretamente associada ao domínio da leitura e interpretação. Os alunos com dificuldade em ler e interpretar conseqüentemente encontram mais dificuldades na matéria. Além disso, cada disciplina tem sua própria linguagem, para o professor o fato do aluno não dominar conhecimentos básicos torna mais complicada a compreensão da linguagem histórica.

*... Então como você vai explicar um conceito, você tá falando de monarquia e ele não tem a noção, me pergunta se monarquia é a mesma coisa de hierarquia, como já aconteceu comigo então é... to falando de absolutismo empolgadão e ai chega no final da aula, ele vem perguntar: professor monarquia é a mesma coisa que hierarquia? Eu dei esse vacilo, eu não expliquei o que era monarquia..*

O professor reconhece o cuidado que precisa ter em sua prática, principalmente no que se refere ao esclarecimento de conceitos e para superar esses obstáculos do processo de ensino-aprendizagem na EJA, o professor comenta sobre sua metodologia baseada na leitura e interpretação de textos em sala de aula.

*É assim, eu pego um texto e... passo as questões, dou um tempinho para eles fazerem as questões. Se mandar para casa não faz, ai eles fazem, ai eu leio o texto com eles corrijo as questões e vou explicando a partir daí, vou trabalhando o que eu quero a partir daí, pra onde direciona também, que às vezes acaba mudando.*

Cláudio desenvolve o seu trabalho, percebendo as limitações de aprendizado em cada turma. Não há uma preocupação em dar uma aula conteudista, apesar dos textos presentes nos cadernos apresentarem conteúdos tradicionais, que costumam ser trabalhados no ensino regular. Seu trabalho é focado na leitura e interpretação de textos.

*Mas eu trabalho muito assim, interpretação de texto, porque é assim, nesses anos em que eu tenho trabalhado com a EJA, eu não vejo assim importância... não estou preocupado se ele sabe sobre Roma Antiga, se ele sabe sobre tráfico de escravos, se ele sabe sobre Revolução Russa. Minha idéia é ele saber ler um texto histórico, reconhecer as linguagens próprias da História, os próprios conceitos, como assim, o que é burguesia, até o que é um século, como se vê um século, instrumentalizar a leitura de um texto histórico.*

Nesse currículo pensado e posto em prática pelo professor pode-se perceber que há uma interação entre as dimensões curriculares (currículo pré-ativo e ativo), pois o professor afirma perceber o crescimento do aluno quanto à compreensão do texto, assim como, no desenvolvimento das atividades em sala.

*Então eu procuro trabalhar isso, instrumentalizá-los para ter uma familiaridade com o texto histórico e eu vejo que isso faz eles crescerem muito, assim, na questão da interpretação, não só na minha disciplina, como em outras também. Eu tenho um aluno que está comigo desde a quinta fase que não fazia uma questão sozinho. Chega na oitava fase, ele já responde sozinho e não se limita a copiar do texto. Às vezes, na oitava fase, agente já consegue um trabalho assim não se limitar, desenvolve mais, eu trabalho assim.*

A proposta de Cláudio de trabalhar com textos é bem aceita pelos alunos da EJA, que consideram a boa relação com o professor um fator muito importante para o sucesso do aprendizado, visto que, facilita o diálogo, deixando os alunos não só mais à vontade para o esclarecimento de suas dúvidas como também possibilita a troca de saberes, assim como, a construção de novos.

O professor considera que a formação crítica do aluno deve ser a função não só do ensino de História. Destaca que em sua avaliação, procura perceber o desenvolvimento desse senso crítico, ferramenta necessária para as transformações significativas da realidade e também da sociedade em que vive o aluno.

No que se refere à avaliação, ela é entendida como processo contínuo que perpassa todas as fases da EJA, como exemplifica o professor Cláudio.

*Mas, uma vez nessa escola aqui, a avaliação final, era uma VIII fase, a avaliação final foi eles organizarem uma festa temática pra formatura deles. Foi essa minha avaliação para justamente estimular essa questão da mobilização, essa questão da organização, enfim, então eu acredito muito nisso pra EJA. A*

*gente tem que trabalhar especificamente assim. Eu procuro fazer isso, não sei se eu consigo sempre. Mas eu procuro fazer.*

Assim, a interação entre os currículos se realiza no espaço da sala de aula entre os sujeitos construtores do saber escolar (professores e alunos). Nota-se que o professor Cláudio busca realizar um ensino que faça sentido para os alunos e através de uma avaliação contínua, que foge do tradicional, procura considerar os saberes dos alunos. De forma que a História escolar realiza o seu papel, de considerar a influência sociopolítica e cultural desses estudantes, promovendo o desenvolvimento de seu senso crítico.

A partir da análise dos subsídios conclui-se que os alunos relacionam o ensino de História ao estudo do passado, apontando que a dificuldade de compreensão da matéria está associada à dificuldade de leitura e de interpretação. Conhecendo essa realidade, o professor procura trabalhar com textos, mostrando a relação entre passado e presente de forma que os conteúdos trabalhados façam sentido para os alunos.

Nota-se que esse trabalho com os textos vai além de uma melhora na leitura e na escrita, pois tem por finalidade estimular o senso crítico dos alunos. Em seu método de avaliação, o professor reconhece os saberes dos alunos, realizando uma avaliação contínua que considera a capacidade de mobilização e organização dos alunos, a forma como transformam sua realidade.

Portanto, essa pesquisa possibilitou conhecer como se realiza a interação entre os currículos (pré-ativo e ativo) através da análise dos discursos dos sujeitos construtores do saber escolar (professor e alunos). Ressaltando as características do ensino de História na EJA, que relacionadas estão com o desenvolvimento da leitura interpretativa e da escrita e que, ao lado de outras disciplinas escolares, contribuem para desenvolver nos alunos da EJA, os conhecimentos necessários a uma leitura crítica e reflexiva da sociedade.

## **BIBLIOGRAFIA**

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso não é um caso.** Pesquisa etnográfica e educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho apresentado no XXI Reunião da Anped, Caxambu, setembro de 1998. Revista Brasileira de Educação Jan/fev/Mar/Abr 1999 n<sup>o</sup> 10 p. 58 - 78

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história;** tradução de Atilio Brunetta; revisão da tradução: Hamilton Francishetti; apresentação de Tomaz Tadeu da Silva . 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.pp. 7-28.

MACEDO, Elizabeth. Currículo: Política, Cultura e poder. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.2, Jul/dez, 2006. pp.98-113.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. **Professores de História: entre saberes e práticas.** RJ: Mauad X, 2007.pp.81-172

NOVAES, Priscila Weitzel. **Mudanças Curriculares no Ensino de História: permanências e rupturas** - um estudo de práticas curriculares de um curso de jovens e adultos em um projeto específico. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. BH 2007. 138f.